



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
CURSO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

VITÓRIA IZE SOUZA PEREIRA

**“CHEGUEI EM CASA CANSADA”: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO PARA A
REGÊNCIA DOS VERBOS DE MOVIMENTO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Santo Antônio de Jesus-BA
2024

VITÓRIA IZE SOUZA PEREIRA

**“CHEGUEI EM CASA CANSADA”: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO PARA A
REGÊNCIA DOS VERBOS DE MOVIMENTO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Artigo apresentado à Banca Examinadora como um dos instrumentos avaliativos do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*.

Orientador: Prof. Me. Manoel Crispiniano Alves da Silva



FOLHA DE APROVAÇÃO

VITÓRIA IZE SOUZA PEREIRA

**“CHEGUEI EM CASA CANSADA”: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO PARA
A REGÊNCIA DOS VERBOS DE MOVIMENTO NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como requisito parcial para a obtenção do grau em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado pela seguinte Banca Examinadora no dia 19 de junho de 2024

Manoel Crispiniano Alves da Silva

Orientador: Professor Mestre Manoel Crispiniano Alves da Silva (UNEB- Campus V)

Gilce de Souza Almeida

Parecerista: Professor Doutora Gilce de Souza Almeida (UNEB- Campus V)

Elias de Souza Santos

Parecerista: Professor Doutor Elias de Souza Santos (UNEB- Campus XXIII)

Santo Antônio de Jesus-BA
2024

CHEGUEI EM CASA CANSADA: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO PARA A REGÊNCIA DOS VERBOS DE MOVIMENTO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Vitória Ize Souza Pereira¹

RESUMO: Ao realizar esse trabalho, objetivou-se analisar a abordagem da regência dos verbos de movimento no livro didático de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Médio, investigando se os usos característicos do Português Brasileiro (doravante PB) são reconhecidos como legítimos. Nesse sentido, para desenvolver esta investigação, foram utilizados como referencial teórico os postulados da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2005), bem como os trabalhos de Bagno (2003, 2007, 2013), Mattos e Silva (2004), a BNCC (Brasil, 2018), entre outros, pois tratam da relação entre variação linguística e ensino. Utiliza-se como *corpus* o livro didático de língua portuguesa (LP) do ensino médio de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Sinicalchi, aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 2021 e publicado pela editora Moderna. Em síntese, foi possível identificar alguns avanços na obra analisada, tendo em vista que os autores reconhecem o crescente uso da preposição “em” regendo verbos de movimento. Entretanto, entram em contradição afirmado que o vocábulo “em” é utilizado apenas em situações de informalidade.

Palavras-chave: livro didático; português brasileiro; sociolinguística.

ABSTRACT: This article aims to analyze the regency of verbs of movement in the Portuguese language textbook for the 3º year of high school, analyzing whether the characteristic uses of Brazilian Portuguese (hereinafter PB) are recognized as legitimate. In this sense, to develop this investigation, the postulates of Educational Sociolinguistics (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005), Bagno (2007, 2013), Mattos e Silva (2004), the BNCC (Brazil, 2018), among others, as it deals with the relationship between linguistic variation and teaching. The corpus is the high school LP textbook authored by Wilton Ormundo and Cristiane Sinicalchi, approved by the National Textbook Program (PNLD) in 2021, published by Moderna. In summary, it was possible to identify some advances in the work analyzed when the authors recognize the increasing use of the preposition “in” governing verbs of movement. However, these contradict the statement that the preposition “in” is only used in informal situations.

Keywords: Textbook; Brazilian portuguese; Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

¹ Estudante do Curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus V*.

Na língua portuguesa, o verbo "ir" é frequentemente utilizado para expressar movimento. Em algumas normas esse vocábulo verbal pode ser combinado com diferentes preposições, como "a", "para" e "em". Essa alternância de preposições está relacionada à situação de uso. No entanto, a tradição gramatical não legitima o uso da preposição "em" para indicar movimento, argumentando que outras preposições, como "a" ou "para", seriam mais apropriadas nesse ambiente sintático.

Tendo como base as ideias apresentadas por gramáticos tradicionais da língua portuguesa, pode-se observar a prescrição apenas a prescrição das preposições "a" e "para" na regência dos verbos de movimento. Nesse sentido, Bechara (2009, p.573) diz que "chegar (-se) a (não em junto à expressão de lugar)". Consonante isso, Celso Cunha e Lindley Cintra atribuem significações para essas preposições, conforme pode ser visualizado no exposto a seguir:

A relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante. Nos exemplos atrás mencionados, a ideia de movimento está presente em: Vou a Roma (Cunha; Cintra 2008, p.570).

Diante do exposto, percebe-se que alguns gramáticos da língua portuguesa não legitimam o uso da preposição "em" para indicar movimento. Eles defendem que as preposições "a" e "para" são mais apropriadas para esse fim, considerando a direção ou o destino do deslocamento. Essa perspectiva é baseada em uma interpretação mais tradicional das regras gramaticais da língua portuguesa. No entanto, é importante ressaltar que, segundo Bechara (2009),

Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos reconhecidos como modelares para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio (Bechara, 2009, p.52).

Tendo isso em vista, vale pontuar que as pesquisas linguísticas têm legitimado que a preposição "em" é a predileta no PB e, paulatinamente, a variante "a" tem caído em desuso, em especial no português popular (Assis, 2009, 2012; Jesus, 2012; Batista; Lopes, 2020, Silva; Araújo; Santiago, 2022, entre outros). É importante saber que a linguagem é dinâmica e sofre evoluções ao longo do tempo, e o uso da

preposição "em" para indicar movimento é comum em diversas situações de fala e escrita do PB contemporâneo.

Apesar do grau de formalidade dos estudos sociolinguísticos, o que se observa nos estudos sociolinguísticos é o crescente desuso de “a” em detrimento de “em” e “para”, até em contextos mais formais (Rodrigues; Freitag, 2021). Entretanto, ainda existem debates entre linguistas e defensores da norma padrão da língua portuguesa. Em análise realizadas por Citeli e Tesch (2021) com base em entrevistas do PortVix, foi constatado o crescente uso da preposição “em” regendo o verbo “ir” conforme exposto:

Os resultados nos mostraram que a preposição para obteve a maior frequência de uso nas entrevistas analisadas do PortVix, com 50% dos dados, enquanto a preposição em obteve frequência de 42.2%, o que também demonstra um comportamento interessante em relação ao uso desta preposição, visto que é tida pelas gramáticas normativas como a forma não-padrão. Já a preposição a, recomendada pelas gramáticas normativas como regente do verbo de movimento ir, obteve frequência de apenas 7.8% em toda a amostra, o que indica que esta preposição está sendo usada cada vez menos pelos moradores desta comunidade (Citeli; Tesch, 2021, p. 21).

Portanto, o aumento do uso da preposição "em" para indicar movimento, mesmo em situações formais, reflete a dinâmica e a evolução natural da língua, demonstrando a constante transformação e adaptação das práticas linguísticas dentro de diferentes contextos sociais.

Nesse cenário de discussão, vale pontuar que os livros didáticos têm um papel fundamental na implementação das diretrizes educacionais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece as competências, as habilidades e os conteúdos que devem ser trabalhados ao longo da educação básica, e os livros didáticos são uma importante ferramenta para auxiliar os professores para a efetivação dessas diretrizes educacionais.

Sendo assim, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: Os livros didáticos reconhecem a preposição inovadora “em” como característica do PB para reger os verbos de movimento? Para essa questão, aventa-se a hipótese de que o material didático analisado ainda continua pautado unicamente pela gramática normativa, reconhecendo as preposições “a” e “para” como as únicas que regem os verbos de movimento.

Com base no exposto, este trabalho objetiva analisar a abordagem dessa preposição no livro didático de Língua Portuguesa de Ensino Médio de Wilton

Ormundo e Cristiane Siniscalchi. E investigar se os usos comuns no PB são legitimados no livro em questão.

O presente artigo estrutura-se em 07 seções. Além dessa seção introdutória, na 02, apresentam-se considerações a respeito da BNCC e o ensino de língua portuguesa. Na 03, são feitas ponderações acerca do livro didático. Na 04, são sistematizados estudos a respeito das preposições locativas no PB. Na seção 05, é apresentada a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa. Na 06, são feitas reflexões e análise dos resultados. Na 07, estão expostas as considerações finais.

2 A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

A BNCC é um documento que estabelece conhecimentos, habilidades e competências que estudantes da educação básica devem desenvolver ao longo da trajetória escolar. Esse ato normativo orienta a elaboração de currículos escolares e práticas pedagógicas, fornecendo um referencial comum para definir objetos de aprendizagem considerados essenciais para toda a educação básica.

Além disso, a BNCC constitui um documento que orienta a formação continuada de professores, baseando-se nos eixos de conhecimento, prática e engajamento. Ademais, serve de apoio para elaboração de recursos didáticos.

Para Bunzen (2020), a BNCC é decorrente de vários outros documentos anteriores, dentre os quais podem ser citados a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, para o ensino Fundamental I e, em 1998, para o Fundamental II e, em 2010, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Assim como os PCN, a BNCC entende a língua como prática socio-interacional. O documento traz como recurso essencial para aulas de Língua Portuguesa o texto, relacionando-o ao conteúdo. Desse modo, o ensino de LP não será marcado apenas pelas classificações e pelas nomeações linguísticas de forma descontextualizada.

Com base nisso, é importante saber que tal proposta traz o texto, em suas múltiplas materialidades, como principal recurso das aulas de Língua Portuguesa. Esse está relacionado ao contexto de produção e visando à ampliação das práticas de leitura/escuta, produção de texto em várias mídias e semioses e à oralidade. Sendo

assim, o aluno terá maior potencial para ler, compreender e produzir textos ligados aos mais diferentes contextos e usos da língua.

Geraldi (2012) afirma que a aula de Língua Portuguesa deve pautar-se no ensino de três eixos de forma interligada: leitura de textos, produção textual e análise linguística. Sob esse olhar, a BNCC do Ensino Fundamental e do Ensino Médio sugere que o ensino de Português seja organizado em quatro eixos, denominados de “Prática de linguagem”, que são: 1) Oralidade; 2) Leitura e escuta; 3) Produção (escrita e multissemiótica) e 4) Análise linguística e semiótica.

Mendonça (2019), ao analisar a BNCC dos anos finais do Ensino Fundamental, aponta uma divergência entre a concepção e as habilidades desse documento ao desenvolver com as atividades de análise linguística. Isso porque é muito frequente aparecer como habilidade a ser desenvolvida a identificação, em textos lidos, de aspectos gramaticais. Nos objetivos de extração de informações, constata-se a existência de verbos como “identificar”, “reconhecer” e “compreender”, evidenciando resquícios de um ensino centrado em uma perspectiva estruturalista.

Em vista disso, o trabalho orientado pela BNCC no que diz respeito à análise linguística torna-se um entrave para o educador da educação básica, pois, apesar da noção de língua adotada, as habilidades desse eixo baseiam-se em um viés formalista que fragmenta esse trabalho com as práticas de oralidade, produção textual (escrita e multissemiótica) e a leitura. Sendo assim, é notória a necessidade que os professores compreendam o ensino de Língua Portuguesa não apenas como a identificação e a nomeação das unidades da língua, mas em uma perspectiva funcionalista, que leve em consideração a língua em uso.

Destarte, diante do exposto, fica claro que, desde os PCN e agora com a BNCC, a concepção de língua adotada por esses documentos norteadores é a dialógica, sociointeracionista, não devendo o ensino considerar a língua com fim em si mesma. Por isso, busca-se analisar qual é a concepção de língua assumida pelos livros didáticos, analisando, para isso, o caso da variação no uso das preposições locativas que regem verbos de movimento.

3 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: BREVES REFLEXÕES

O livro didático costuma seguir as diretrizes curriculares estabelecidas, fornecendo um embasamento consistente para o desenvolvimento das habilidades e das competências esperadas em cada etapa do ensino. Ele também pode ser uma fonte confiável de informações, ajudando os estudantes a aprofundar seu conhecimento sobre determinado tema.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC) analisa e distribui livros didáticos a instituições públicas da educação básica. Antes de chegar ao ambiente escolar, os livros didáticos escolhidos pelas instituições de ensino passam por análises criteriosas por comissões técnicas compostas por especialistas de todas as áreas de conhecimento relacionadas.

No que diz respeito ao fenômeno da variação linguística, Bagno (2007, 2013) investigou de que modo os materiais didáticos tratam esse fenômeno. Com essa investigação, o autor constatou, ao analisar 96 livros do Ensino Fundamental e Médio, que a heterogeneidade ainda não recebe o tratamento ideal, tendo em vista que esse fenômeno ainda é trabalhado de forma estereotipada.

Espera-se que o livro didático traga inovação, sobretudo no que diz respeito ao que a gramática tradicional preconiza como correto ou incorreto. Entretanto, segundo Bagno (2007) as variações linguísticas, por exemplo, são apresentadas nas obras didáticas de maneira folclorizada e superficial. É como se o fenômeno se manifestasse apenas em pessoas residentes da zona rural ou menos escolarizadas. À vista disso, as atividades solicitando a correção de variações encontradas em obras como poemas de Patativa do Assaré, tirinhas de Chico Bento levam o aluno concluir que a língua é homogênea e que as variações são desvios a serem corrigidos.

Em relação aos casos de variação no nível morfossintático, constata-se uma lacuna entre a prescrição gramatical e a realidade sociolinguística brasileira, visto que esses fenômenos não são vistos como “erro”, mas como “informais”. Isso precisa ser revisto, posto que, a exemplo da variação no uso das preposições locativas, as variantes não preconizadas pela norma-padrão são utilizadas, inclusive, em situações formais (Rodrigues; Freitag, 2021). Nesse contexto, a noção de informalidade leva o aluno a entender que é sinônimo de erro e precisa evitar.

Sob essa mesma ótica, Batista e Lopes (2020) estabelecem que a gramática normativa afirma que o verbo “ir” rege apenas duas preposições: ‘a’ e ‘para’. Porém, tanto na fala quanto na escrita, é evidente a regência deste verbo com a preposição “em”, que é estigmatizada por ser considerada não padrão.

No bojo dessa discussão, o professor precisa trabalhar com gêneros orais e escritos diferentes, principalmente aqueles que exigem um maior grau de monitoramento estilístico, de modo a compreender se determinados usos são “informais”, de fato, ou já fazem parte do comportamento linguísticos dos brasileiros, sobretudo os letrados, a exemplo dos casos de regência e de colocação pronominal.

Ademais, Jurado e Rojo (2006), por meio de uma análise de livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio, constatou que a maior parte desses exemplares são destinados ao ensino de literatura, seguida do trabalho com a metalinguagem e produção textual. No entanto, as autoras asseveram que não há espaço para a sistematização da literatura que os alunos produzem e leem em outras agências de letramento fora do ambiente escolar.

Desse modo, as autoras concluíram que o foco é a pedagogização da literatura, pois não há atividades de sugestão de leitura para apreciação da beleza estética. Nas obras analisadas, são apresentadas questões como contexto histórico, literário e as características da escola literária e os principais nomes de cada estética. Portanto, nota-se que o foco das práticas de leitura do texto literário não é a formação de leitores literários, visto que os textos são adotados como pretexto para trabalhar conceitos, sejam gramaticais, sejam literários.

Pinheiro (2006) realizou um estudo para analisar o livro didático, volume único, de autoria de Cereja e Magalhães em duas edições, e constatou que os exemplares possuem um modelo padrão quanto ao trabalho com a leitura. Predominantemente à leitura do cânone literário. Os textos literários são apresentados, em regra, de forma fragmentada, para serem trabalhados as características da estética.

Logo, conclui-se que os livros didáticos possuem qualidade, no entanto apresentam lacunas que precisam ser, constantemente, avaliadas para que o professor que esteja em sala possa identificá-las e supri-las no seu fazer pedagógicos. À vista disso, busca-se analisar como o livro trata do fenômeno da variação no uso das preposições locativas, verificando a concepção de língua assumida por esses materiais.

4 A VARIAÇÃO NAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DA PRESCRIÇÃO AO USO

Conforme dito anteriormente, Bechara (2008) prescreve que, com verbos que indicam lugar, se deve utilizar a preposição “a” e não “em”.

De forma similar, Almeida (1999, p. 337) afirma “não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica lugar onde”. Na percepção de Costa (2003, p. 01 *apud* Pinheiro, 2014, p. 16) há outra perspectiva:

As regras da regência verbal determinadas pela gramática prescritiva parecem estar caindo em desuso na comunidade linguística do Brasil, especialmente na fala [...]. É possível, portanto, no que tange à regência verbal, considerar a possibilidade de aquilo ditado pela gramática estar sofrendo variação [...] ou até estar caminhando para uma mudança.

Sob esse viés, pesquisas desenvolvidas em diferentes partes do Brasil revelam que a preposição “em” tem ganhado espaço no PB. Mollica (1996), e utilizou o *Corpus Censo* para realizar pesquisa com falantes do Rio de Janeiro acerca das preposições usadas na regência do verbo “ir”. A autora constatou que fatores sociais, como escolaridade, idade e ocupação funcional, foram determinantes para o uso de cada preposição e concluiu que pessoas com nível médio completo, mais idosas, sobretudo mulheres utilizam muito o que é prescrito pela gramática. No entanto, a incidência da preposição “em” foi bastante alta, principalmente no público masculino, inclusive aqueles que possuem maior escolaridade.

Citelli e Tesh (2021) realizaram um estudo que analisou em quais contextos ocorria o uso de cada preposição (‘a’, ‘para’, ‘em’) com falantes de Vitória – ES e compararam com outras regiões do Brasil. Para a realizar a pesquisa, foram considerados fatores socioculturais, como gênero, faixa etária e escolaridade, e fatores linguísticos, a exemplo de configuração de espaço, grau de definitude, finalidade e narratividade do discurso. Com base nos dados coletados da amostra Portivix, há uma predominância da preposição “para”, seguida da preposição “em”, que também apresentou grandes números de ocorrências mesmo não tendo seu uso prescrito pelos gramáticos tradicionais.

Além disso, as autoras mostram que quanto maior a escolaridade/ idade maiores são os índices de uso das preposições “a” e “para”, tidas como padrão. No entanto, a incidência da preposição “em” também é alta em homens com maior escolaridade. Os dados coletados em João Pessoa – PB mostram a preferência do uso da preposição “a”, no entanto esta tem perdido espaço no PB para a preposição “em”, tida como não padrão.

É sabido que a propagação das mudanças ocorridas na língua tem relação com a maneira como a sociedade recebe tais mudanças. Em regra, as pessoas tentarão seguir o modelo do que é prescrito por gramáticas tradicionais. Entretanto, o que é prescrito nem sempre condiz com a realidade falada. Com base em estudos realizados, Rodrigues e Freitag (2021) afirmam que, apesar da formalidade, foi observado que é crescente o desuso da preposição “a”. Os falantes têm optado, inclusive em situações formais, pelo uso da preposição “em”.

Embasada na perspectiva dos estudos sobre contato linguístico e no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística de base laboviana, Silva, Araújo e Santiago (2022) estudaram a variação das preposições locativas *a*, *para*, *em* e *até* que regem os verbos de movimento *chegar*, *levar*, *vir* e *voltar* no português falado em duas ex-colônias portuguesas, a saber: Luanda, capital de Angola, e Barra-Bananal, uma comunidade remanescente de quilombos, situada no município de Rio de Contas, na região da Chapa Diamantina no estado da Bahia, respectivamente, representantes do Português Angolano (PA) e do PB.

Para tanto, utilizaram dois *corpora* linguísticos, o primeiro pertencente ao banco de dados do projeto “Em busca das raízes do Português Brasileiro-Fase III” e o segundo ao projeto “A Língua Portuguesa no Seminário Baiano”, ambos sediados no Núcleo de Estudo em Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Assim, os resultados alcançados mostram que há uma mudança implementada na comunidade de Barra/Bananal, em que as preposições canônicas *a* e *até* não regem os verbos de movimento analisados. Em relação à Luanda, apesar dessa comunidade de fala apresentar um perfil sociolinguístico diferente, por ser uma variedade urbana, a preposição *em* e *para* foram as que apresentaram maior frequência de uso. De maneira similar, Afonso (2020) realizou um estudo com falantes luandenses. Para isso, utilizou o corpus cujo título é título: Estudo contrastivo de aspetos morfossintáticos do português e umbundu. E constatou a grande incidência no uso do vocábulo “em” regendo verbos de movimento conforme exposto a seguir:

Exemplos:²

² Exemplos retirados da dissertação de mestrado de Horácio João Fernando Afonso, intitulada “Regência dos verbos de movimento/ um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu.”

- a) Como chegam lá em casa os meus amigos?
- b) Depois de chegar na praça, passa onde vende carvão.

Assim, os resultados apontam para uma aproximação entre o português falado em ambas as comunidades.

Em síntese, com os resultados aqui sistematizados, conclui-se que há um crescimento do uso da preposição “em” regendo verbos de movimento. Isso evidencia as mutações ocorridas na LP ao longo dos anos. Desse modo, observa-se que o crescente uso dessa preposição mostra a capacidade da língua adequar-se às necessidades e usos cotidianos na contemporaneidade.

5 METODOLOGIA

Com base na relevância do livro didático na educação básica, buscou-se utilizar como objeto de estudo o exemplar intitulado “Se liga nas linguagens Português” de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, volume único, aprovado pelo PNLD em 2021, destinado ao Ensino Médio. Nele será analisado se as preposições que regem os verbos de movimento e se os usos do PB são legitimados. Portanto, esta pesquisa caracteriza-se por apresentar uma abordagem qualitativa.

Esse livro é organizado em 32 capítulos. Neles são trabalhados tópicos referentes à Literatura e à Linguística (intitulada Análise Linguística/Semiótica). O capítulo analisado será o de número 28 (Predicados, objetos, predicativos e adjuntos adverbiais), escolhido por ser o único que trata a respeito da regência dos verbos que indicam movimento.

Quanto ao livro didático em questão, esse foi escolhido por se tratar de uma obra utilizada na rede estadual de ensino de Santo Antônio de Jesus-BA. Essa cidade é onde também são realizados Estágios Curriculares Supervisionados dos cursos de Licenciatura da UNEB, *Campus V*, o que tornou o acesso a esses materiais mais facilitados.

Para realizar esse estudo, utilizou-se como referencial pressupostos da sociolinguística educacional. Bortoni-Ricardo (2021) afirma que a sociolinguística educacional consiste na promoção da competência linguística e comunicativa daqueles que não são submetidos às variedades de prestígio da língua materna no núcleo familiar. Além disso, a pesquisadora afirma que a sociolinguística educacional

se baseia no repertório advindo da linguística aplicada e por isso não existe diferença conceitual entre ambas.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao analisar a obra, observou-se que, para introduzir o tópico de “Regência verbal”, os autores utilizaram como suporte, uma tirinha que discute o verbo assistir. Ela é utilizada para afirmar que a linguagem coloquial, utilizada por falantes não monitorados, não caracteriza desvio grave. Entretanto, em situações formais, as pessoas devem ter mais cuidado.

Figura 1 – Web quadrinho



Ademais, essa tirinha é seguida por este texto:

Figura 2 – Texto explicativo da imagem 1

O webquadrinho revela que nem sempre os falantes empregam as construções fixadas na norma-padrão, sobretudo nas comunicações menos monitoradas. No uso cotidiano da língua, mesmo nas variedades urbanas de prestígio, observam-se outras construções, especialmente nos casos em que a ausência de uma preposição ou seu uso indevido não interferem na produção do sentido nem são percebidos como desvios graves. Já nas situações de maior monitoramento, principalmente na escrita, há cuidado na mobilização das regras previstas pela norma-padrão.

A seguir, você estudará alguns verbos que apresentam detalhes em sua regência. A descrição do uso conforme a norma-padrão é seguida por comentários acerca do emprego na linguagem cotidiana, menos monitorada. A opção por um ou outro uso deve considerar sempre o critério **adequação linguística**.

Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 270)

À vista disso, nota-se que esse livro está em consonância com o que apregoa a BNCC, posto que reconhece a língua como uma realidade heterogênea. Ao trabalhar com a noção de adequação linguística, o livro estimula nos alunos a compreensão de que a língua não é homogênea e unitária, mas variável, devendo o falante adequar o seu repertório linguístico ao seu interlocutor e à situação sociocomunicativa.

Com base no trecho analisado, observa-se que os autores reconhecem as variações que caracterizam a realidade sociolinguística do PB. Eles afirmam que os verbos a serem analisados, dentre eles o verbo “ir” e “chegar”, serão apresentados de

acordo com a norma-padrão, todavia também serão explicitadas situações de uso no cotidiano.

Nesse contexto, nota-se que os autores praticam uma “[...] pedagogia voltada para o todo da língua e não para algumas partes de suas formas, decerto socialmente privilegiada” (Mattos e Silva, 2004, p. 35) e isso tem como consequência levar o

[...] o indivíduo a, desde o momento em que começa a refletir sobre a língua - o que se processa desde a alfabetização -, ter consciência de que sabe falar a língua que fala todo dia, mas que precisa saber mais sobre ela e que esse saber pode crescer com ele por toda a sua vida (Mattos e Silva, 2004, p.35).

A obra segue o prescrito pela gramática normativa, no entanto, reconhece que a preferência dos falantes brasileiros têm sido a preposição “em” na regência dos verbos de movimento, conforme exposto a seguir:

Figura 3: Verbos de movimento

chegar, ir
 (VI, circunstância de lugar introduzida por *a*): **Chegou ao** colégio mais cedo hoje.
Fui ao cinema ontem.
 Nas comunicações menos monitoradas, os falantes brasileiros têm optado pela preposição *em* para introduzir a circunstância de lugar: **Cheguei em** casa cansado. (271).

Nota-se um avanço, porque o livro não desconsidera o fato de a língua ser heterogênea: “[...] nem sempre os falantes empregam as construções fixadas na norma-padrão [...] no uso cotidiano da língua, mesmo nas variedades urbanas de prestígio, observam-se outras construções [...]” (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p. 270).

Sob esse viés, além de reconhecer a língua como uma realidade heterogênea e variável, o livro sinaliza que há uma diferença entre a norma-padrão, subjetiva, idealizada, e a norma objetiva efetivamente utilizada pelos segmentos letrados da sociedade. Essa diferenciação é importante, posto que mostra ao estudante o caráter artificial da norma-padrão.

Outra diferença que merece ser ressaltada é a utilização de “variedades de prestígio” em detrimento de “norma culta”. Nesse sentido, considera-se essa distinção relevante, posto que a norma culta “[...] não perdeu ainda entre nós seu defeito de origem – ou seja, continua recoberta por uma aura elitista que se materializa na norma curta [...]” (Faraco, 2008, p. 59). Em razão disso, os autores preferem, tendo em vista a noção de “culto” que permeia o senso comum, optar por empregar o termo ‘variedades urbanas de prestígio’, para afirmar isso Bagno (2003) afirma que:

Afinal, como nossa problemática toda o que está realmente em jogo não é a língua, propriamente dita, mas sim o prestígio social dos falantes, deixo aqui a sugestão para que a gente passe a tratar de variedades de prestígio ou variedades prestigiadas (Bagno, 2003, p. 65-66).

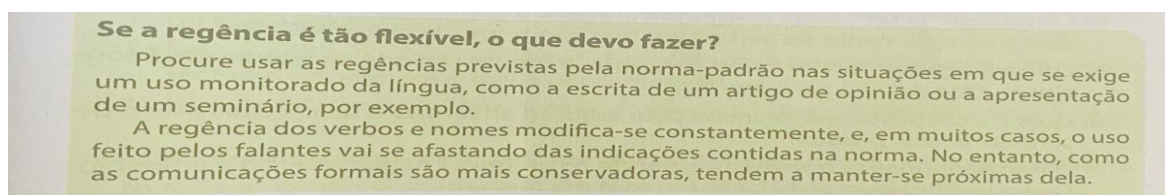
Entretanto, os autores entram em contradição quando colocam a regência da preposição locativa “em” como utilizada em situações informais, “Nas comunicações menos monitoradas, os falantes brasileiros têm optado pela preposição *em* para introduzir a circunstância de lugar [...]” (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p. 271). No entanto, Wiedemer (2008) afirma que:

Há diferentes fenômenos atuando sobre a regência do verbo ir de movimento: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* (conforme atestado em estudos de caráter histórico) e concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em* [...] (Wiedemer, 2008, p.126).

Nesse sentido, é importante que os materiais didáticos reconheçam os processos de variação e mudanças ocorridas no PB. Isso perpassa por reconhecer o aumento do uso da preposição “em”, evitando associá-la exclusivamente à informalidade.

Em outras palavras, compreende-se que, apesar dos avanços visualizados, trazer os usos consagrados da realidade sociolinguística brasileira, inclusive pelos segmentos letrados da sociedade, como fenômenos que são utilizados apenas em situações informais, é tratar de forma estereotipada a variação linguística. Isso fica evidente neste trecho a seguir:

Figura 4: Orientações para o leitor acerca do usos



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 271).

Reconhecer as variações ocorridas na língua portuguesa é relevante, pois reflete a dinamicidade e a evolução natural da língua ao longo do tempo. Além disso, contribui para a valorização da diversidade linguística, o respeito às variações regionais e sociais, é relevante também, na compreensão das novas formas de expressão que surgem na comunicação contemporânea. Ademais, o reconhecimento

das variações na língua portuguesa possibilita a construção de uma “pedagogia do todo da língua”, como propõe Mattos e Silva (2004).

Outro ponto importante, foi a análise da lista de exercícios. As atividades sugeridas se resumem a leitura e análise de três poemas. Intitulados “Angola dos Pataxós” de Eliane Potiguara, “À faca” de Edimilson de Almeida Pereira e “Aos predadores da utopia” de Lau Siqueira conforme exposto a seguir:

Figura 5: Lista de exercícios 1

Predicativo, predicativo, complemento verbal, adjunto adverbial e regência verbal NA PRÁTICA

1. Leia o fragmento de um poema da poeta fluminense Eliane Potiguara.

Agonia dos Pataxós

As vezes Parece que não sou daqui
 Me olho no espelho Parece que não sou desse tempo.
 E me vejo tão distante
 Tão fora do contacto?

POTIGUIARA, Eliane. *Método cara, método música*. 2. ed. Lorraine: DSM Progresso Educacionais, 2008 (2004).

a) O termo “agonia”, nesse poema, remete a um sentimento individual? Explique sua resposta.
 b) O poema apresenta a liberdade formal típica da literatura contemporânea. Como essa liberdade se concretiza na métrica, nas rimas e nos estrofes?
 c) Embora o advérbio “agora” (“distante”) de “agora” expresse normalmente lugar, ele tem outro valor no poema. Qual é esse valor e que sentido produz?
 d) Considere que, no verso “me vejo”, a expressão “tão distante” é uma característica associada ao pronome “me”. Qual é o sentido do verso? Como se classificam a expressão e o predicado da oração?
 e) Agora, trate “tão distante” como expressão de lugar. Como se classificam a expressão e o predicado?
 f) Qual é a interpretação de “tão distante” mais adequada à sua compreensão do poema? Você acha que ambas se aplicam? Justifique sua resposta.

Fala ali!

Não é fácil se colocar no lugar de outra pessoa, mas tente: como você acha que se sente um adolescente indígena hoje? Você acha que ele tem inquietudes parecidas com as suas? Se você for indígena ou tiver essa origem étnica, responda: quais são as suas inquietudes?

2. Conheça esta prosa poética do autor mineiro Edimilson de Almeida Pereira.

À faca

O samandú abraçou o cachorro, não larga. Cada vez que escuro a história, as garras mais se entranham no pelo. Já não há sinal deles, divorçados pelo tempo. Só em mim a luta prossegue. O diazo, então, se trava na linguagem? Em outro texto é possível que os bichos não se sirtem, mas nesse, separá-los nem à faca. São verbo e advérbio.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Contra o palmeiro obra poética 3*. Belo Horizonte: Mauá, 2005.

a) Releia os quatro primeiros períodos. O que o caso apresentado revela sobre a função das narrativas e, por consequência, da literariedade?
 b) Como deveria ser escrita a segunda oração do texto, caso as pretensões explicitar o complemento do verbo? Por que não houve essa explicitação?
 c) Embora seja formulado como pergunta, o quinto período apresenta uma conclusão. Que palavra a evidencia?
 d) Qual é a circunstância expressa pelo adjunto adverbial “à faca”? Qual efeito de sentido “à faca” produz?
 e) O narrador finaliza o texto associando os animais citados a verbo e advérbio. O que justifica essa associação?

undo; Siniscalchi (2020, p. 272)

Figura 6: Lista de exercícios 2

3. O texto a seguir foi transcrito de uma obra que orienta empreendedores.

“[...] Todo mundo pensa de si mesmo que é. E se você oferecer um bom produto com um bom atendimento para cada um dos seus clientes, sem discriminação, vai criar esses vínculos com facilidade.

Desse vínculo é que nascem outras duas questões cruciais para as start-ups: o sucesso e das quais já falamos no livro de hoje, a credibilidade e a reputação econômica para outras pessoas. As vezes, dependendo do sistema que você produz e reputação para a sua marca.

CAETANO, Gustavo. *Pense simples*. São Paulo: Genesi, 2017. (Empreendedores).

a) Resuma as ideias desse trecho em um único período.
 b) Uma obra extensa pode exigir de seu produtor referências a conteúdos já apresentados. Qual expressão é responsável por marcar isso no trecho?
 c) Qual é o complemento das formas verbais “uso, produz e reconhecem”?
 d) Rescreva o período que contém tais formas usando pronomes oblíquos para representar o complemento que está implícito.
 e) Leia o boxe ao lado e, com base nele, responda se a reescrita “vai criar e manter esses vínculos com facilidade” está de acordo com a norma-padrão. Justifique a resposta.
 f) O texto tem como público-alvo empreendedores. Reflita sobre as características desse grupo e responda se a linguagem está adequada a ele. Justifique sua resposta.

Muitos verbos transitivos aparecem sem o complemento quando este é redundante (Andar não tinha comido? Já está no contexto. Deque parente e porão? Já parente? Já mamãe?) ou, pode ser identificado pelo contexto, dita por algum que popou uma borracha, por exemplo).

4. Leia este poema do gaúcho Lau Siqueira.

Aos predadores da utopia

dentro de nós
 morreram muitos sigres
 os que ficaram
 no entanto
 são livres

SIQUEIRA, Lau. In: DANIEL, Claudio; BARBOSA, Frederico (org.). *Na verdade só adivo: poesia de invenção no Brasil*. São Paulo: Lásio, 2007.

a) Rescreva os versos do poema em forma de prosa. Coloque as palavras na ordem que lhe parece mais natural.
 b) Quantas orações existem no texto do poema?
 c) Classifique sintaticamente as formas verbais “morreram” e “são”. Justifique.
 d) A forma verbal “ficaram”, no poema, comporta-se sintaticamente como morreram ou como são? Por quê?
 e) Releia o último verso: “são livres”. Que diferença de sentido haveria se o verbo se fosse trocado por estar? E por continuar?
 f) Haveria diferença de classificação do predicado caso o verbo se fosse trocado por um desses outros? Justifique.
 g) É correto dizer que os “sigres” são os “predadores” citados no título? Justifique.
 h) Na sua opinião, o poema tem um tom pessimista? Por quê?

Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 273)

As propostas consistem em instigar a leitura, compreensão e interpretação textual. Objetivam fazer com que os alunos reflitam de que modo os variados tipos de

predicado impactam na construção de sentido das premissas. Ademais, volta-se a situações de transitividade verbal. Uma vez que, solicitam a identificação e adequação em casos de ausência dos complementos de verbos transitivos. Com base nisso, nota-se uma lacuna no que diz respeito a proposta de questões voltadas para regência verbal.

Desse modo, conclui-se também que a obra didática analisada possui uma lacuna no que diz respeito a proposta de questões. Fazer atividade após aprender um conteúdo novo permite que os alunos fixem e consolidem o que foi estudado. Além disso, podem refletir sobre a relevância dos conteúdos e seus respectivos contextos de uso. Ademais, é através das listas de exercícios que o docente pode identificar eventuais lacunas no aprendizado, reforçar conceitos que não foram plenamente compreendidos e adaptar sua metodologia de ensino conforme as necessidades específicas da turma

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar o livro de Língua Portuguesa (volume único) utilizado em turmas de nível médio da rede estadual de ensino de Santo Antônio de Jesus. A obra em questão foi aprovada pelo PNL (2021). O estudo consistiu em uma investigação acerca do tratamento das preposições que regem os verbos de movimento. Faz-se necessário enfatizar que essa pesquisa foi realizada com base nos postulados da Sociolinguística Educacional, ou seja, uma abordagem da Teoria da Variação e Mudança Linguística relacionada ao ensino.

Por meio da revisão da literatura realizada sobre o fenômeno, conclui-se que é possível fazer algumas reflexões acerca da regência dos verbos, sobretudo do verbo “ir”. Os estudos desenvolvidos com dados do PB confirmam que a regência do verbo ir é condicionada por fatores linguísticos e sociais que atuam na “escolha” de uma determinada preposição para reger verbos de movimento, como foi apontado por Mollica (1996).

Ademais, o livro didático analisado já reconhece a realidade falada no PB, que faz uso da preposição “em” para reger verbos de movimento. Contudo, essa variação é tratada de forma estereotipada à medida que os autores afirmam que esses usos existem apenas em situações de informalidade. Nesse sentido, a hipótese inicialmente levantada de que o livro didático analisado ainda continua pautado unicamente pela

gramática normativa, reconhecendo as preposições “a” e “para” como as únicas que regem os verbos de movimento não foi confirmada, visto que se nota um avanço na obra analisada, quando esta também reconhece a existência e o uso da preposição “em” regendo verbos de movimento.

Assim, conclui-se que, ao afirmar que a preposição “em” é utilizada em situações informais, os autores negligenciam o fato de que “a preposição “em”, apesar de ser reconhecida gramaticalmente como a forma não padrão, tem seu uso cada vez mais frequente” (Citéli; Tesh; 2021). Sendo assim, existe uma necessidade de reestruturação dos materiais didáticos e do ensino de LP de modo que a variação linguística seja reconhecida como identidade dos falantes brasileiros.

REFERÊNCIAS

AFONSO, H, J, F. **Regência dos verbos de movimento/ um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu**. Dissertação (mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Minho. Braga, PT. p. 95. 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/67335>. Acesso em: 29/06/2024

ALMEIDA, N, M. **Gramática metódica da língua portuguesa Napoleão Mendes de Almeida**, 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ANJOS, M, A, L; TORRES, M, J, M; SILVA, R, A. Ensino de gramática e BNCC: uma abordagem pedagógico-histórica. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 7575-7592, jan. /mar. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/76183>. Acesso em: 04/05/2024.

ASSIS, T, S, B. A atuação das variáveis linguísticas na regência dos verbos de movimento no português afro-brasileiro. **PAPIA**, v.19, p. 39-49, 2009. Acesso em: 08/05/2024

ASSIS, T, S, B. **A regência variável dos verbos de movimento no português popular do interior do estado da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2011. Acesso em: 08/05/2024

BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Acesso em: 10/06/2024

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Acesso em: 10/05/2024

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. Acesso em: 05/06/2024.

BATISTA, M, P; LOPES, N, S. Variação na regência do verbo ir (de movimento) em salvador. **Revista Philologus**, n. 76, p. 26. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/506>. Acesso em: 06/06/2024.

BORTONI-RICARDO, S, M; SILVA, K, A, da. Sociolinguística educacional: uma entrevista com Stella Maris Bortoni-Ricardo. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 22, n. 1, p. 219-231, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/kRzvKkTfvHwYd7tmmCkr7PM/>. Acesso em: 29/06/2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (versão final), 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomumcurricular.mec.gov.br>. Acesso em 12/06/2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, S, M. **Nós chegemos na escola, e agora?**: Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CITELI, B, G; TESCH, L, M. A regência variável do verbo de movimento *ir* na fala capixaba: o comportamento dos fatores extralinguísticos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 222-244, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2021.v23n1a39712>. Acesso em: 04/05/2024.

FARACO, C, A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

GERALDI, J, W. Práticas da Leitura na Escola. In: GERALDI, João Wanderle (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Angola, 2012.

JURADO, S.; ROJO, R. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOLLICA, M, C. A regência variável do verbo ir de movimento. In: PINHEIRO, R. C. A regência do verbo ir de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77807/84805>. Acesso em: 02/05/2024.

MUNAKATA, K. Livro didático como indício da cultura escolar. **Hist. Educ. (Online)**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 119-138, set. /dez., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/624037>. Acesso em: 24/05/2024.

ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. **Se liga nas linguagens**: Português. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.

PINHEIRO, R. C. A regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE. **Linha D' Água (Online)**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77807/84805>. Acesso em: 02/05/2024.

PINHEIRO, H. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RODRIGUES, F, G, C; FREITAG, R, M, K. Padrões de preposições em complementos locativos de verbos de movimento. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 4, p.133-156, dez. 2021. Disponível em: <https://www.doi.org/10.22481/el.v19i4.8616>. Acesso em: 06/05/2024.

SILVA, M. C. A.; ARAÚJO, S. S. de F.; SANTIAGO, H. S. Um estudo contrastivo da variação das preposições locativas no português falado em Luanda-Angola e em Barra/Bananal-BA: um olhar sociolinguístico e sócio-histórico. In: ARAÚJO, S. S. de F.; LACERDA, M. F. de O.; PAIM, M. M. (Org.). **Variação e mudança na língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2022.

WIEDEMER, M, L. A regência variável do verbo *ir* de movimento na fala de santa Catarina. In: PINHEIRO, R. C. A regência do verbo *ir* de movimento por falantes cultos de Fortaleza – CE. **Linha D' Água (Online)**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 55-72, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77807/84805>. Acesso em: 02/05/2024.